

# A PRÁTICA ASSISTENCIAL MILITAR: O PARADIGMA DO HOSPITAL MILITAR EM TEMPO DE GUERRA (SÉCS. XVI-XIX)

ANA CATARINA NECHO\*

## 1. A PROBLEMÁTICA EM TORNO DO HOMEM: QUESTÕES FÍSICAS, TEÓRICAS E FILOSÓFICAS NOS SÉCS. XV E XVI

A Europa entre os séculos XV e XVI vivenciou uma conjuntura paradoxal onde as questões recaíam sobre a ordem religiosa, política e social. Ou seja, face à Reforma que Martinho Lutero tentou edificar na Europa criticando a doutrina católica, e em consideração de que começaram a surgir reacções de vários reinos, a Religião Católica procurou através da Contra-Reforma reforçar o seu poder, as suas influências para obstar que o seu domínio religioso fosse «questionado» tendo em consideração o seu poderio de grande influência quanto a quesitos políticos nos vários reinos da Europa.

Desta forma, para além da Inquisição e de outros elementos criados para limitar tudo o que fosse contra o seu dogma, a sua imposição teve um factor restritivo quanto a questões que estavam nestes séculos a emergir e que colocavam o Homem e o seu conhecimento numa outra dimensão.

Neste sentido, vários países europeus iniciaram um movimento, que mesmo remontando ao Clássico no caso da Literatura e das Artes, procurou alargar os seus horizontes também às questões da Filosofia, da Ciência até à Astronomia.

O movimento científico no período moderno foi edificador para um novo olhar e visão do Homem em que estava subjacente o desenvolvimento científico, que apesar

---

\* Doutora em História, FLUL. Investigadora CH-FLUL/CEHR-UCP. catarinanecho@hotmail.com. Este artigo segue o Acordo Ortográfico de 1945.

da acção religiosa que punia e vigiava, o facto é que neste período a Europa acabou por conceber uma nova perspectiva sobre o mundo, o Homem e a sua essência física e espiritual.

### **1.1. Desenvolvimento e convergência das ciências na procura pelo conhecimento do Homem**

Neste período de grande elevação expansionista para Portugal, o facto é que perante a realidade emergente, isto é, conflitos armados, os militares careciam cada vez mais de um auxílio especializado porque mesmo com a existência de cirurgiões e barbeiros, com algum conhecimento anatómico/científico, o facto é que a Medicina do século XV ainda era associada ao saber filosófico, pelo que tinha uma notória ausência de individualidade, no sentido em que apresentava uma notória carência de princípios, métodos e meios próprios cujo intuito não se circunscrevia ao conhecimento da natureza humana, mas sim auxiliar aqueles que fisicamente se encontravam debilitados.

Pela aquisição de novos conhecimentos de cariz físico e científico, em Florença surgiu no século XIII o Hospital de Santa Maria Nuova, que acabou por ser modernizado no século XV, tendo em conta que na Itália era conhecido o seu progresso. No século XV desenvolveu-se também em Milão o Hospital Maggiore e em Roma o Hospital do Espírito Santo e que serviram de modelo para a construção de muitos hospitais pela Europa<sup>1</sup>.

Em Portugal, D. João II ambicionava a construção de Hospital Grande de Lisboa e a primeira autorização através de bula dada pelo Papa Sisto IV em 1479. Depois de ter perdido a validade pela morte do respectivo Papa, o que salienta a influência e o papel da Igreja quanto à prática assistencial, este projecto continua em 1486 com a bula *Iniunctum* dada pelo Papa Inocêncio VIII.

O hospital, situado em Lisboa foi centralizador pelo facto de em si reunir 43 pequenos hospitais de Lisboa. Fundado em 1490 e chamado Hospital de Todos-os-Santos tinha uma administração hospitalar que esteve sob a responsabilidade régia, o que acabou por ser uma questão charneira no reinado de D. João II pela sua política de reorganização hospitalar, que concomitantemente, via na governação uma responsabilidade de adquirir especialidades, pela responsabilidade que era incumbida aos corpos directivos e naqueles que estavam encarregues da gestão dos vários serviços<sup>2</sup>.

O desenvolvimento dos hospitais na época dos Descobrimentos acompanhava a difusão de Misericórdias e o facto de as mesmas terem uma grande capacidade financeira fez com que os hospitais dependessem sobretudo das entidades religiosas para a sua manutenção, reforma ou criação de outros.

---

<sup>1</sup> SALGADO, 2015: 62.

<sup>2</sup> FERREIRA, [s.d.]: 117-118.

Mas, importa salientar que, nesta época de grande conhecimento e conquista para Portugal foi de facto notório o contributo português no que dizia respeito à interacção da medicina com as ciências sociais e humanas<sup>3</sup>:

*Os descobrimentos foram feitos com a vontade inovadora de ver para além da realidade aparente de que os antigos se tinham apercebido; realidade vista agora em termos de espaço, mas não acompanhada da audácia de pensar o observado e de teorizar o que seriam as relações de causa e efeito, nem de avançar com teorias ou tentativas de reflexão de interdisciplinaridade das fontes de conhecimento que vieram a constituir a base da investigação científica e da cultura inovadora [...]»<sup>4</sup>.*

Desta forma, pode-se constatar uma dinâmica humanista entre o fim do século XV e início do século XVI, em que surge a noção de «globalidade», um conceito que à luz da época pretendia através dos estudos, da imprensa alargar novos horizontes na descoberta do ser humano, para o entendimento da sua complexidade, ou seja, estabeleceu-se a criação de princípios com visão centrada num objecto de estudo, método e a aplicação das respectivas técnicas.

## **2. DAS PRÁTICAS EMBRIONÁRIAS À EVOLUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE — O PARADIGMA MILITAR**

Na sequência de existirem ainda em pleno século XV práticas muito embrionárias na assistência à saúde, desde os mais desfavorecidos até aos elementos das classes privilegiadas, a Expansão Portuguesa tornou-se essencial para compreender a debilidade existente no campo da assistência. Assim, a época dos Descobrimentos e da Expansão foram propulsores do conhecimento de novas patologias e da necessidade que existia de criar um estudo mais aprofundado no campo da saúde, de forma a criar mecanismos de assistência, que assegurassem a reabilitação dos doentes.

Como foi evidente, pelos grandes conflitos e guerras em que Portugal estava envolvido foi claro que neste período houve uma elevada taxa de mortalidade, pela falta de conhecimentos e assistência: «A expansão em África e no Oriente ocasionava grande número de feridos e de incapacitados, que contribuíam para manter os baixos níveis de saúde e duração média de vida»<sup>5</sup>. Ao que acresciam factores como as carências alimentares, a falta de higiene, as doenças degenerativas e metabólicas e as epidemias.

Assim, com a edificação do Hospital de Todos-os-Santos, que acolhia muitos militares, começaram nas próprias colónias a construírem-se hospitais, como os Hospitais

<sup>3</sup> FERREIRA, [s.d.]: 164.

<sup>4</sup> FERREIRA, [s.d.]: 165.

<sup>5</sup> FERREIRA, [s.d.]: 131.

Real de Goa, Baçaim e Cochim e a reconhecer a necessidade de assistência a bordo dos transportes marítimos, mas só começou a ser realizada em finais do século XVI.

Veja-se a situação da armada de Vasco da Gama, a primeira em que se realizou um relato estatístico, partiu com 160 pessoas a bordo e apenas 55 regressaram a Lisboa, visto que a grande maioria morreu de escorbuto.

Era perceptível, que as condições sanitárias a bordo apresentavam graves deficiências, pela falta de água doce não só para beber como para os cuidados pessoais. Tanto os passageiros como a tripulação deixavam os seus dejetos no convés para depois serem deitados ao mar. E, para além desta situação os animais como galinhas, porcos, coelhos faziam as necessidades perto dos alimentos, pelo que transformavam os porões em estrumeiras. Se já a situação apresentava gravidade para a saúde, ainda mais piorava com a existência de ratos, piolhos, percevejos e pulgas<sup>6</sup>.

Assim mesmo com esta deficiência apresentada, os portugueses acabaram por ser os primeiros a instituir a assistência técnica e humanitária na organização das armadas, esse facto foi verificado por cronistas como João de Barros ou Damião de Góis que aludindo desde o Brasil à Índia referem a obrigatoriedade de nos navios terem os socorros para os doentes<sup>7</sup>.

Desta forma, nasceu uma conjuntura evolutiva da medicina militar dentro do seio da sociedade portuguesa sob um ponto de vista claramente mais dinâmico, e em que se alicerça o conhecimento científico à evolução da assistência médica, pela especialização das ciências e práticas. Neste contexto observou-se entre os barbeiros e cirurgiões uma disputa pela necessidade que estes sentiam de credenciar o exercício da sua profissão e daí obterem um reconhecimento por parte da sociedade.

Em concomitância, dispunha-se nesta altura de regimentos sobre cuidados de saúde dados por El-Rei a cada armada pelos riscos que estavam associados às viagens, isto porque os salários eram fracos e não conseguiam suscitar interesse dos práticos da arte de curar e claro, muito menos aos licenciados em medicina, de si muito poucos para integrarem a tripulação das naus<sup>8</sup>.

Nesta época surge o papel do médico, que se compreendeu como indispensável também devido à sua formação na Faculdade de Medicina<sup>9</sup>. E, perante um contexto não só de conquista de territórios, alargamento do espaço marítimo e comercial, o facto é se assistiu a uma substancial produção de novas armas, como as armas de fogo, as armas ligeiras que subsituem as pesadas como as bombardas existentes na Guerra dos Cem Anos. Pelo que a necessidade de uma maior intervenção médica se tornou cada vez mais indispensável. Porém, paradoxalmente «as armadas comandadas pelos

---

<sup>6</sup> SOUSA, 2013: 122.

<sup>7</sup> FERREIRA, [s.d.]: 141.

<sup>8</sup> SOUSA, 2013: 111.

<sup>9</sup> Os médicos não queriam ser identificados pelo trabalho manual.

vice-reis e governadores da Índia levavam sempre físico ou cirurgião de carta passada, que depois os acompanhariam em terra, as restantes armadas reais só raras vezes tinham um físico integrando a equipagem, sendo o cirurgião ou barbeiro sangrador a presença mais frequente»<sup>10</sup>.

## 2.1. A assistência em Portugal: os hospitais como instituições de auxílio aos desfavorecidos

O período compreendido entre os séculos XVI e XVIII foi percussor de uma nova dinâmica assistencial, que fez convergir em vários países da Europa uma interdisciplinaridade, em que o seu intuito visava um novo entendimento do Homem e a sua compreensão no espaço físico e mental. Nesta perspectiva, houve uma necessidade de sublinhar que os portugueses adquiriram pelos relatos de viagens, descrição da fauna e flora e observações de patologias/terapêuticas fontes de conhecimento que lhes proporcionaram, neste período de descobertas uma grande variedade de conhecimentos que em muitas situações colocaram em causa o eruditismo livresco e escolástico da época<sup>11</sup>.

Perante este novo panorama, que envolvia um grande progresso e desenvolvimento das ciências, a medicina tornou-se claramente fundamental sob o ponto de vista da cura, do estudo das doenças e o seu tratamento. E, desta forma as Misericórdias e Hospitais tornam-se essenciais no auxílio daqueles que se encontravam numa situação de debilidade física ou de pobreza.

Em concomitância, assistiu-se a uma nova fase da medicina, onde se difundiram novos fármacos e alimentos, onde se deu atenção à medicina árabe, que se revelava mais desenvolvida, a introdução da prática clínica e da farmacologia, pelo que foi possível o encontro e diálogo de culturas<sup>12</sup>.

De facto, verificou-se um notório contributo do progresso científico muito influenciado pelos portugueses, que se repercutiu da História da Medicina e em que se verificou a irradiação de modelos institucionais referentes à assistência e que *latu sensu* possibilitou uma cobertura médico-sanitária.

Neste panorama foi possível observar uma preocupação com a assistência introduzindo cuidados de higiene como o arejamento, o enriquecimento da alimentação, melhoramento dos tratamentos aplicados também com a utilização de novos espaços, ou seja, a criação de salas especiais reservadas para determinados tipos de enfermos: desde feridos de guerra, doentes que padeciam de epidemias, pestes até aos considerados ainda neste período de loucos.

<sup>10</sup> SOUSA, 2013: 111.

<sup>11</sup> SALGADO, 2015: 118.

<sup>12</sup> SALGADO, 2015: 118.



Fig. 1. Confronto militar com armas mais evoluídas — Painel de azulejos, Hospital de S. José (Lisboa)

## 2.2. O paradigma militar: uma nova concepção assistencial

Na dinâmica humanista entre o fim do século XV e início do século XVI surgiu a noção de «globalidade», um conceito que à luz da época pretendia através dos estudos, da imprensa alargar novos horizontes na descoberta do ser humano, para o entendimento da sua complexidade.

Perante o legado português no período dos Descobrimentos, o quadro compreendido, entre o século XVIII e o século XIX verificou-se um novo paradigma da assistência em Portugal consagrando-se o progresso e evolução das ciências médicas, pelo que se assistiu a um reforço ao auxílio aos militares (Exército e Marinha) sabendo que estes tinham vários problemas no campo da assistência.

De facto, foi evidente a necessidade de apoio aos militares, pelo que foram criados os primeiros hospitais permanentes de cada ramo militar para cuidar os feridos em guerra e aqueles que estavam doentes com as mais diversas patologias.

Os cuidados aplicados aos militares tornaram-se mais especializados visto que Portugal pretendia cuidar e tratar destes, que vinham feridos dos vários conflitos existentes sobretudo da Europa ou mesmo aqueles que vinham das colónias portuguesas.

Assim, o hospital tornou-se um espaço ambíguo, um misto de miséria e doença, onde se juntava a velhice, as mutilações, a prostituição, a delinquência e a pobreza.

*As lacunas ao nível do apetrechamento clínico do país, traduzidas na escassez de médicos e cirurgiões habilitados a exercerem em várias cidades do reino, estavam longe de ser indiferentes a médicos e poderes públicos. Por um lado, tratava-se de*

*expor a fragilidade e a impotência do Estado Central numa matéria sensível, a da saúde pública, num contexto em que as altas taxas de mortalidade ameaçavam a nação e a sua subsistência agrícola e económica devido ao reiterado problema da despovoação do território português*<sup>13</sup>.

Perante esta problemática, deve-se salientar a crescente evolução da medicina em Portugal tanto que se verificou a diminuição da taxa de mortalidade durante os sécs. XVIII e XIX, dado que a natalidade se manteve elevada entre 30 e 35 por 1000, o que justificou o crescimento da população<sup>14</sup>.

Em Portugal verificaram-se vários alvarás com datas referentes a 1642, 1645 e 1646 cujo intuito visava uma legislação criada para aplicar aos soldados que participavam em guerras, como a guerra da Restauração, as Invasões Francesas ou a Guerra Civil Portuguesa.

Neste novo contexto assistencial surgiu um entendimento sobre a efectiva necessidade de cuidar dos militares, tal como os sítios para os acolher. Foram criados: os Hospitais de Campanha em que se realizava o apoio directo na frente de guerra, em 1805 Hospitais Regimentares; Hospitais de Retaguarda que apoiavam as linhas da frente e os Hospitais Permanentes, que se situavam numa das portas da fortaleza. Pelo que dois dos hospitais criados para auxiliar os militares foram: o Hospital da Botica (Angra do Heroísmo) e o Hospital da Marinha (Lisboa).

A estrutura dinamizadora destes hospitais permitia na organização do edifício a existência de enfermarias, de salas de cirurgia, de boticas, do sector administrativo, da capelaria, da cozinha, de vários armazéns e de cercas.

Para além desta visível necessidade introduziram-se mecanismos para que os militares se pudessem restabelecer com métodos mais adequados, desde uma melhor alimentação, a aplicação de medidas sanitárias que incluíam a água, a prática da higiene pessoal, desde os doentes ao pessoal auxiliar e a lavagem de roupas até ao uso de medicamentos adequados às patologias.

## FONTES

Arquivo Nacional Torre do Tombo

ANTT — *Fundo Hospital de S. José*, lv. 7190.

## BIBLIOGRAFIA

- BARRADAS, Joaquim (1999) — *A Arte de Sangrar de Cirurgiões a Barbeiros*. Lisboa: Livros Horizonte.  
 BARREIROS, Húmus (2016) — *Concepções do Corpo no Portugal do século XVIII — sensibilidade, higiene e saúde pública*. Famalicão: Edições Húmus.  
 BRONOWSKI, J. (1986) — *Magia, Ciência e Civilização*. Lisboa: Edições 70.

<sup>13</sup> BARREIROS, 2016: 205-206.

<sup>14</sup> FERREIRA, [s.d.]: 198.

- FERREIRA, F. A. Gonçalves [s.d.] — *História da Saúde e dos Serviços de Saúde em Portugal*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MESTRINHO SALGADO, Anastásia (2015) — *O Hospital de Todos-os-Santos — Assistência à pobreza em Portugal no séc. XVI, A irradiação da assistência médica para o Brasil, Índia e Japão*. Lisboa: By the Book.
- SOUSA, Germano de (2013) — *História da Medicina Portuguesa durante a Expansão*. Lisboa: Temas e Debates.